



José Wellington Oliveira dos Santos*

RESUMO

O Concílio Vaticano II possibilitou uma aproximação dialogal entre a Igreja e o mundo. O ministério presbiteral frente a sociedade pluralista, que se transforma velozmente ao longo dos anos, traz novas exigências e principalmente a necessidade do redescobrimento de sua identidade e missão. O presbítero é um servo escolhido por Deus como o bom-samaritano, que derrama o óleo da alegria sobre as feridas da humanidade. Portanto, o presente artigo quer refletir acerca da identidade e da missão dos presbíteros para a Igreja hoje.

Palavras-chave: Presbíteros. Serviço. Testemunho. Igreja.

Los presbíteros en la Iglesia hoy

RESUMEN

El Concilio Vaticano II hizo posible un diálogo entre la Iglesia y el mundo. El ministerio presbiteral ante una sociedad pluralista, que cambia rápidamente a lo largo de los años, trae nuevas exigencias y principalmente la necesidad del redescubrimiento de su identidad y misión. El presbítero es un siervo elegido por Dios como el buen samaritano, que derrama el óleo de la alegría sobre las heridas de la humanidad. Por ello, esta comunicación pretende reflexionar sobre la identidad y misión de los presbíteros para la Iglesia hoy.

Palabras-clave: Presbíteros. Servicio. Testimonio. Iglesia.

1 Introdução

A palavra *ministro* tem sua origem no latim, do verbo *ministrare*, que quer dizer *servir*. Logo, o ministro é *aquele que serve*, e na Igreja, o ministro ordenado é *aquele que serve a comunidade*. Pensar o ministério ordenado na pluralidade do mundo contemporâneo se constituiu como uma das centrais reflexões da Igreja no Concílio Vaticano II e também no pós-Concílio, pois “o papel que os padres desempenham na renovação da Igreja de Cristo é importantíssimo e está ficando cada dia mais difícil” (*Presbyterorum Ordinis*, n. 1). Então, esta pesquisa intenta responder, de modo sucinto, a seguinte questão: qual a identidade e a missão dos presbíteros que a Igreja deseja e espera para corresponder as necessidades do tempo presente?

Pondo-se diante da pluralidade de faces culturais, econômicas e políticas do mundo contemporâneo, urge cada vez mais a necessidade de a Igreja imprimir identidade e estabelecer a missão dos seus pastores. Ela tem o desafio e a beleza de preparar bons servidores do Evangelho e enviá-los ao encontro das necessidades da humanidade, para acolher as fragilidades dos pequeninos deste mundo e serem capazes de darem respostas concretas que reestabeçam a dignidade da pessoa humana, amada e querida por Deus, à luz das Sagradas Escrituras, do Magistério e da Tradição, buscando sempre serem versados em humanidades.

Estar a serviço da comunidade dos crentes responsabiliza os pastores de serem sinais visíveis da graça de Deus aos fiéis e aos que não professam a fé da Igreja, pois Cristo quis e quer salvar a todos e os convida para seu santo banquete. Portanto, este trabalho discorrerá acerca da identidade dos presbíteros a partir do Concílio Vaticano II e sua missão após a renovação conciliar no mundo contemporâneo.

2 A identidade dos presbíteros à luz do Concílio Vaticano II

Os presbíteros são cooperadores da ordem episcopal e estão ligados ao Bispo e seu presbitério, logo,

[...] a diferença com o bispo está em que o presbítero tem uma função delimitada dentro da Igreja local, sob a autoridade do bispo (cf. PO 7). Mas o ministério presbiteral não é exercido em nome do bispo, mas em nome do

Cristo sob a direção do bispo, pois sua única medida é Cristo e sua missão (cf. PO 2) (TABORDA, 2011, p. 131).

Ungidos para a missão, os presbíteros configuram-se ao Cristo sacerdote que os faz agir *in persona Christi Capitis*. “Os ministros simbolizam sacramentalmente a Cristo cabeça diante de seu Corpo, a Igreja, cada ministro ordenado segundo a especificidade de seu ministério. Mas não há cabeça que exerça sua função, senão no corpo e com o corpo” (TABORDA, 2011, p. 158). Os presbíteros são ordenados para exercerem na Igreja e para a Igreja, Corpo Místico de Cristo, seu serviço ministerial, como recordou o Papa João Paulo II, na *Pastores dabo vobis*,

A relação do sacerdote com Jesus Cristo e, n'Ele, com a Sua Igreja situa-se no próprio ser do presbítero, em virtude da sua consagração/unção sacramental, e no seu agir, isto é, na sua missão ou ministério. Em particular, "o sacerdote ministro é servo de Cristo presente na Igreja presente na Igreja mistério, comunhão e missão, pelo fato de participar da 'unção' e da 'missão' de Cristo, ele pode prolongar na Igreja a sua oração, a sua palavra, o seu sacrifício e a sua ação salvífica. É, portanto, servidor da Igreja mistério porque atua os sinais eclesiais e sacramentais da presença de Cristo ressuscitado. É servidor da Igreja comunhão porque - unido ao Bispo e em estreita relação com o presbitério - constrói a unidade da comunidade eclesial na harmonia das diferentes vocações, carismas e serviços. É finalmente servidor da Igreja missão porque faz com que a comunidade se torne anunciadora e testemunha do Evangelho" (n. 16).

Tendo recebido o poder do sacramento da Ordem, os ministros ordenados estão a serviço da comunidade para oferecer o sacrifício e perdoar os pecados, desempenhando publicamente seu ofício de santificar, ensinar e governar a Igreja de Cristo. No entanto, não se distinguem do povo de Deus por estarem à parte do restante da comunidade, mas diferem-se por sua especial consagração ao *serviço* que Deus mesmo os chamou, estão a serviço de uma realidade que está para além da vida presente, e por isso, são chamados a testemunharem o que pregam e celebram. Encontram-se no mundo sem pertencer ao mundo e são homens do povo para Deus e homens de Deus para o povo. Na relação entre sacerdócio ministerial e sacerdócio comum dos fiéis,

Há uma diferença de essência e não apenas de grau entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico. Contudo, ambos participam a seu modo do mesmo sacerdócio de Cristo e mantém, por isso, estreita relação entre si. O sacerdócio ministerial, em virtude do poder sagrado que o caracteriza, visa à formação e governo do povo Sacerdotal, realizar o sacrifício Eucarístico em nome de Cristo e o oferece, em nome do

povo. Os fiéis, por sua vez, em virtude de seus a sacerdócio régio, tomam parte na oblação eucarística. Exercem com todo o seu sacerdócio na recepção dos sacramentos, na oração e na ação de graças, no testemunho da vida santa, na abnegação e na prática da caridade (LG, n. 10).

Logo, os membros exercem as próprias funções específicas formando um só corpo, congregados na unidade que é a Igreja. O ministério ordenado não é um *status* para a vanglória e o abuso de poder sobre as pessoas da comunidade cristã e humana, pois são homens escolhidos por Deus do meio do seu povo para retornarem ungidos para o serviço da comunidade cristã. Configurados ao Bom Pastor que é Cristo Jesus, devem fazerem-se capazes de “viver entre os seres humanos como irmãos” (PO, n. 3), como um servidor, e não um ditador que monopoliza um poder opressor sobre os mais frágeis e pequeninos deste mundo. Os presbíteros presidem as comunidades na caridade que emana de sua relação pessoal com Cristo, o Belo Pastor. O Documento de Aparecia (DAP) exorta que “o sacerdote não pode cair na tentação de se considerar somente delegado ou representante da comunidade, mas sim um dom para ela, pela unção do Espírito e por sua especial união com Cristo” (§193, p. 96).

O presbítero para a Igreja hoje é convocado a ser um homem do serviço e do amor, da Palavra e da Eucaristia, do altar e também das ruas, na saída ao encontro das ovelhas, um pastor que toma sobre seus ombros a causa de sua comunidade e que é capaz de ser um com ela, porque “ele é capaz de ter compaixão dos que estão na ignorância e no erro, pois ele mesmo está cercado de fraqueza. Por isso, deve oferecer, tanto em favor de si mesmo como do povo, sacrifícios pelos pecados” (Hb 5, 2-3). O ministro ordenado deve sentir-se impelido a ser, neste mundo de controvérsias, um missionário da misericórdia que acolhe todos os pecadores com o manto da ternura, o abraço da reconciliação, o sorriso da alegria do Evangelho, iluminando os corações de Esperança, buscando sempre conduzir a todos ao encontro de Deus Uno e Trino, que é amor (cf. 1Jo 4, 7-8). O nosso Deus é o Pai das misericórdias (cf. 2Cor 1, 3).

A identidade dos presbíteros na atual conjuntura eclesial e social da Igreja encontra desafios no exercício ministerial, apesar de bem norteadas à luz da Tradição, das Sagradas Escrituras e do Magistério. Frente às sociedades consumistas, individualistas, e com o surgimento de novos modos de gnosticismo e pelagianismo (cf. *Gaudete et Exultate* n. 35-62), o presbítero deve irradiar para a humanidade a

vivência da comunhão e da fraternidade. O presbítero tem o dever de testemunhar um autêntico discipulado baseado na verdade e na liberdade, tomando sempre Jesus Cristo como ponto de partida seus *Gestis Verbisque*. Mediante as comunidades urbanas e rurais, o ministro ordenado deve ultrapassar as barreiras levantadas pelo crime, pelo tráfico, pela discriminação social e racial, pela pobreza, e sobretudo, pela indiferença, mantendo-se sempre consciente de sua configuração a Cristo, o Bom Samaritano, assumindo sua missão de *servo do Amor* para curar as inúmeras feridas da humanidade.

Portanto, os ministros “sejam como pais dos fiéis gerados espiritualmente pelo batismo e pela doutrina (cf. 1 Cor 4, 15; 1Pd 1, 23) e modelos do rebanho (cf. 1Pd 5, 3)”, sobretudo através da oração e no exercício da caridade, frutos concretos do culto público da Igreja elevado ao Pai, no Filho, pelo Espírito Santo, de modo excelente na Eucaristia, mas também nos demais sacramentos. O padre deve buscar ser um verdadeiro dom para sua comunidade, um discípulo-missionário testemunha “da verdade e da vida e, como bons pastores, procurem (cf. Lc 15, 4-7) aqueles que foram batizados na Igreja católica, mas abandonaram os sacramentos ou mesmo, perderam a fé” (cf. LG, n. 28), não esquecendo que Jesus quer salvar a todos.

3 A missão dos presbíteros no pós-Concílio

Durante muitos séculos, o ministro ordenado permaneceu ligado ao templo, dedicado ao culto e a assistência espiritual dos fiéis que por vezes, já não exultavam em experimentar e comunicar uma alegria do encontro pessoal com Deus (cf. Lc 1, 39-56), pois estavam sustentados pela devoção e a piedade, não instruídos plenamente na Palavra, nos Sacramentos, na celebração dos mistérios pascais de Cristo. O dinamismo das primeiras comunidades cristãs havia sido institucionalizado e com isto, a Igreja havia se distanciado gradativamente do diálogo com o mundo. Contudo, é evidente que cada época possui um contexto próprio e suas especificidades, e apesar das divergências que esta reflexão inflama, muitas foram as iniciativas do clero, dos religiosos e até mesmo dos leigos pela missionareidade da Igreja e sua opção pelos doentes, órfãos, iletrados, viúvas e principalmente pelos pobres. Basta observar o apostolado de inúmeros santos e congregações que o Espírito suscitou na história eclesial.

No entanto, após as renovações conciliares, o ministro ordenado é concebido “como o ícone de Cristo Sacerdote. Visto que o sacramento da Igreja se manifesta plenamente na Eucaristia, é a presidência da Eucaristia que o ministério do Bispo aparece primeiro, e, em comunhão com ele, o dos presbitérios e dos diáconos” (CIC, §1142, p. 322).

A primeira missão do ministro ordenado é oferecer os dons da comunidade no altar do Senhor, pois como sacerdote é o homem do altar, consagrado para apresentar diante de Deus a oblação da Igreja (cf. CIC §1552-1553, p. 426), suplicando em prece solene o perdão divino e a consagração dos dons afim de que se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo Senhor, que se deu todo em alimento por todos como *cibus et potus salutaris* (comida e bebida da salvação), alimento para a vida eterna. Portanto,

[...] este sacerdócio é ministerial. “Esta missão que o Senhor confiou aos pastores de seu povo é um verdadeiro serviço”. Refere-se inteiramente a Cristo e aos homens. Depende inteiramente de Cristo e do seu sacerdócio único, e foi instituído em favor dos homens e da comunidade da Igreja. O sacramento da Ordem comunica «um poder sagrado», que é o próprio poder de Cristo. O exercício desta autoridade deve, pois, ser medido pelo modelo de Cristo que, por amor, se fez o último e servo de todos. “O Senhor disse claramente que o cuidado dispensado ao seu rebanho seria uma prova de amor para com Ele” (CIC, §1551, p. 425).

A missão do presbítero é sempre em vista do próximo e seu encargo é levar a salvação que vem de Deus a todos os homens através da pregação da Palavra, da celebração dos Sacramentos e conduzir na caridade a comunidade cristã, dirigindo-se sempre a homens concretos, por isso, “todo sumo sacerdote é tomado do meio do povo e representa o povo nas suas relações com Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados” (Hb 5,1). O ministro ordenado é o homem da misericórdia, imagem do Cristo Bom Pastor e Bom Samaritano, que movido de compaixão está unido ao seu povo, especialmente dos mais necessitados, pois “a caridade pastoral, fonte da espiritualidade sacerdotal, anima e unifica sua vida e ministério” (DAp, § 198, p. 98). O ministro da Igreja deve unir-se a ela com uma dedicação esponsal, semelhantemente ao Cristo-Esposo e sua Esposa, a Igreja. Esta união esponsal “torna o sacerdote capaz de viver uma profunda e fecunda unidade entre sua vida interior e todas as suas atividades e responsabilidades ministeriais, num mundo marcado por uma forte tendência à desagregação e à dispersão” (DANTAS, 2018, p. 184).

O Dr. Pe. Jésus Benedito dos Santos, presbítero da Diocese de Pouso Alegre (MG), em sua obra *Nunca pare de sonhar: o presbítero que ama Jesus e sua Igreja*, realiza profundas reflexões acerca do exercício do ministério sacerdotal no mundo contemporâneo, confrontando os sonhos de uma Igreja missionária e samaritana como emergiu no atual pontificado do Papa Francisco, com as múltiplas contrariedades do mundo. Então, para o autor, ser um ministro ordenado conforme quer e deseja a Igreja hoje,

No espírito do Concílio Vaticano II, o presbítero deve se primar por direcionar seu ministério presbiteral atento a sete palavras ou conceitos chaves do Concílio: a) preocupação com a humanidade com toda sua complexidade e com todos os aspectos da vida humana, segundo a *Gaudium et Spes*; b) luta pela liberdade religiosa, segundo a *Dignitatis Humanae*; c) abraço pela eclesiologia Povo de Deus em todas as suas consequências, segundo a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes*; d) vivência pela colegialidade presbiteral e a caridade pastoral, segundo a *Presbyterorum Ordinis* e a *Optatam Totius*; e) opção por uma pessoa do diálogo ecumênico, segundo a *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*, *Sacrosanctum Concilium*, *Gaudium et Spes*, *Unitatis Redintegratio*, *Nostra Aetate* e a *Dignitatis Humanae* f) serviçal, no espírito da eclesiologia do Povo de Deus, segundo a *Gaudium et Spes* e a *Lumen Gentium*; g) e por último, um presbítero missionário, no espírito da *Ad Gente[sic]*, *Sacrosanctum Concilium*, *Presbyterorum Ordinis* e da *Optatam Totius* (SANTOS, 2015, p. 206).

Jésus Benedito sugere um modelo ideal de presbíteros no hoje da Igreja, pois este consagrado é antes de tudo um batizado, membro do povo de Deus, escolhido para servir na caridade os irmãos e fazer-se um irmão entre irmãos, um profeta e pastor das ruas, que constrói uma Igreja em saída, não autorreferencial. Por isso, os presbíteros “lembrem-se de que sua vida cotidiana e seu empenho pastoral mostram o que é o ministério sacerdotal e pastoral para os fiéis e os não-fiéis, para os católicos e os não-católicos” (LG, n. 28). O testemunho concreto dos pastores possibilita experimentar uma Igreja que transborda na vida concreta da humanidade o mistério que guarda e celebra, que derrama o doce perfume de Cristo sobre a terra através da evangelização de todos os povos. O missionário-presbítero é aquele servo escolhido por Deus e consagrado para a Igreja, tomado por amor a Cristo e que assume este compromisso com fidelidade pelo povo na autodoação cotidiana como presbítero-pastor. Portanto,

[...] no espírito do Concílio Vaticano II, é fundamental que o presbítero, em seu ministério presbiteral, “suscite a fé no coração dos infiéis e alimente a fé no coração dos fiéis” (PO 4); que continue sonhando e trabalhando para a

construção de uma Igreja Povo de Deus, no espírito da *Gaudium et Spes*, que, “com o coração sincero e na plenitude da fé” (PO 1), seja capaz de conduzir os seres humanos “à fé e aos sacramentos da salvação mediante a mensagem evangélica” (PO 4); que “seja maduro na fé”, e além disso, “conheça bem os documentos do magistério eclesiástico, mas sobretudo os dos Concílios e dos Sumos Pontífices, assim como deve ter em mão os melhores e mais aprovados escritos de teologia” (PO 19); [...] que vá ao encontro das pessoas, sem perder os valores da fé, mas aberto a escutar e acolher o Povo de Deus, aceitando suas limitações e respondendo positivamente às suas aspirações (SANTOS, 2015, p. 207).

Os presbíteros são servos preparados e consagrados para a missão de anunciar a salvação realizada em Jesus, em nome de Cristo e da Igreja, a todos os povos e culturas, iluminando as realidades do mundo com a Palavra de Deus e o testemunho de vida, derramando o óleo da alegria sobre as feridas da humanidade, conduzindo os pequeninos e sofredores nas estradas deste mundo rumo ao céu, à Jerusalém Celeste.

4 Considerações Finais

Os presbíteros “representam a pessoa de Cristo e são cooperadores dos bispos na tríplice missão da Igreja [ensinar, governar e santificar]. Saibam, pois, que sua vida é dedicada inteiramente a missão” (AdG, n. 39). São varões escolhidos, instruídos e preparados para cooperar com a missão dos bispos que “foram consagrados para a salvação do mundo e não apenas de uma determinada diocese. O mandamento de Cristo de pregar o Evangelho a toda criatura lhes foi dado diretamente” (AdG, n. 38). O ministro ordenado configurado ao Cristo Sacerdote não ocupa um lugar de poder neste mundo, mas de servo da humanidade, assim como Jesus Cristo, que veio para servir, e não ser servido. Recuperar uma identidade presbiteral que não corresponde àquela indicada pelo Concílio Vaticano II é fechar-se a ação do Espírito Santo que dá dinamismo e faz novas todas as coisas. O magistério do Papa Francisco retoma amplamente essa reflexão conciliar e o ardente desejo de uma Igreja em saída (*Evangelii Gaudium*), misericordiosa e samaritana (*Misericordiae Vultus, Laudato Si', Fratelli Tutti*).

Homem do altar, da oração, humildade, pobreza e serviço, o padre está no mundo sem ser do mundo, caminhando por suas estradas, curando as periferias existenciais e geográficas com o poder de Cristo Sacerdote, exalando o bom odor de

Cristo. “Seu ministério, especialmente na eucaristia, que confere perfeição à Igreja, os coloca em comunhão com Cristo cabeça e leva as pessoas a participarem dessa mesma comunhão” (AdG, n. 39). Enviados ao encontro da pessoa humana, na comunidade eclesial e dos que não professam a fé, “seu trabalho pastoral deve ser pensado de forma que seja útil a dilatação do Evangelho entre os não-cristãos” (AdG, n. 39).

Os presbíteros, portanto, são aqueles que, ainda que rechaçados pelo mundo, devem fazer ecoar o Evangelho da salvação e até mesmo o último grito em nome de Deus pelas necessidades inerentes a dignidade da pessoa humana. Unidos ao Sumo e Eterno Sacerdote, Cristo Jesus, são convocados a configurar suas próprias vidas aos mistérios da Cruz do Senhor, oferecendo a si mesmo como sacrifício vivo pela difusão do Reino de Deus.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial CNBB. Brasília: CNBB. 6ª ed. 2022.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília; Rio de Janeiro: Edições CNBB; Paulus; Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. **Mensagens, discursos e documento**. Tradução de Francisco Catão. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DANTAS, J. P. de M. **Consagrados para a missão** – Teologia do Sacramento da Ordem. 2ª ed. Campinas-SP: Editora Ecclesiae, 2018.

JOÃO PAULO II. Exortação apostólica Pós-sinodal **Pastores dabo vobis**. São Paulo: Editora Paulinas, 1992.

PAPA FRANCISCO. **Gaudete et exsultate**: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.

SANTOS, J. B. dos. **Nunca pare de sonhar**: o presbítero que ama Jesus e sua Igreja. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Comunidade e missão).

TABORDA, F. **A Igreja e seus ministros:** uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Teologia sistemática).

Recebido em: 25/11/2024

Aprovado em: 06/01/2024